

## As denominações para *menstruação* no *Atlas Lingüístico de Sergipe - ALS*

Leandro Almeida dos SANTOS<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, apresenta-se um dos aspectos interessantes dos estudos linguísticos, o Léxico. Assim, este trabalho investiga as respostas dos informantes do *Atlas Lingüístico de Sergipe - ALS*, segundo atlas a ser iniciado em solo brasileiro, em 1963. Conforme ideias dos autores do ALS, o intuito era dar continuidade ao já bem-sucedido atlas feito na Bahia, *Atlas Prévio dos Falares Baianos - APFB* (1953). Desse modo, este estudo busca analisar as formas lexicais encontradas no ALS, com vistas a nomear a causa fisiológica do período de sangramento mensal das mulheres, a partir da utilização da carta 92, *menstruação*. O interesse pelo trabalho se justifica por tratar-se de um resgate aos estudos das cartas linguísticas contidas nos atlas, importantes ferramentas para a descrição do português falado em solo brasileiro. A metodologia utilizada consistiu na realização das seguintes etapas: a) leitura de textos teóricos referentes ao tema proposto; b) escolha e formação do corpus, como já mencionado; c) análise do *corpus*, objetivando identificar as variações diatópicas, a fim de traçar isoglossas delimitadoras de possíveis áreas dialetais; e, d) pesquisa em dicionários contemporâneos, a fim de tentar estabelecer um diálogo entre dados coletados *in loco* e dicionários de língua portuguesa. As análises da carta *menstruação* do ALS buscam identificar e estudar os itens lexicais encontrados, com o intuito de verificar a seleção lexical realizada por informantes do referido atlas sergipano. Vale ressaltar que a análise do *corpus* possibilitou realizar o registro e a documentação da diversidade lexical do português falado em Sergipe.

**Palavras-chave:** diversidade lexical; menstruação; léxico.

**ABSTRACT:** This essay presents one of the interesting aspects of linguistic studies, the Lexicon. This work investigates the answers of the informants of *Atlas Lingüístico de Sergipe - ALS*. According to the atlas, created in 1963 in Brazil, they intended to continue the already successful atlas made in Bahia, *Atlas Prévio dos Falares Baianos - APFB* (1953), given to name the physiological cause of bleeding monthly period of women, from the use of the card 92, *menstruation* of ALS. The interest in the work is justified because it is a bailout to the study of language letters contained in the atlas, important tools for the description of the Portuguese spoken in Brazilian soil. The methodology used consisted in performing the following steps: a) reading of theoretical texts related to the proposed theme; b) choice and formation of the corpus, as already mentioned; c) corpus analysis in order to identify the diatopical variations in order to draw boundary isoglosses of possible dialectal areas; and, d) research in contemporary dictionaries, in order to try to establish a dialogue between data collected on site and Portuguese language dictionaries. Analyses of the letter *menstruation* of ALS seek to identify and study the lexical items found in order to check the lexical selection made by informants from the ALS. It is noteworthy that the analysis of the corpus enabled perform the registration and documentation of lexical diversity of the Portuguese spoken in Sergipe.

**Keywords:** lexical diversity; menstruation; lexicon.

---

<sup>1</sup> Especialista em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Federal da Bahia. Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC/UFBA). Salvador-BA. Correio eletrônico: leoufbalettras@yahoo.com.br.

## Introdução

É no léxico que se encontra uma grande variedade regional e sociocultural do português do Brasil. Desse modo, o repertório lexical vai se moldando com o tempo, com as características sócio-históricas e político-cultural de uma comunidade. Assim, certos aspectos lexicais são denunciadores das especificidades de um povo. Inicialmente, faz-se necessário conceituar o léxico de uma língua. Pode-se dizer que esse nível de análise se constitui em um conjunto de vocábulos disponíveis para utilização dos utentes de uma dada língua, isto é, um arsenal linguístico para que os falantes utilizem. É um acervo constantemente enriquecido, ou seja, possui um caráter dinâmico.

Analogamente, pode-se comparar o léxico de uma determinada língua com um imenso guarda-roupa, assim as palavras/vocábulos seriam as mais variadas peças que se adequarão com a ocasião que convier utilizá-las. Logo, existem peças que são utilizadas constantemente, outras que deixaram de ser usadas (saíram de moda) e, por fim, outras peças que são incorporadas ao imenso guarda-roupa, ao longo do tempo.

Este trabalho discute resultados da pesquisa desenvolvida no âmbito do léxico da Língua Portuguesa, em especial as contribuições e resgates linguísticos registrados nos atlas linguísticos. O estudo teve como objetivo analisar a carta lexical 92, *menstruação*, do *Atlas Lingüístico de Sergipe* (FERREIRA *et al*, 1987), doravante *ALS*, para verificar, na atividade discursiva falada, como os falantes nomeiam a causa fisiológica do período de sangramento mensal das mulheres.

Sendo assim, inicialmente, os dados foram levantados, com um intuito de uma comparação diatópica entre as variantes encontradas; em seguida, as lexias encontradas foram pesquisadas em três dicionários contemporâneos de língua portuguesa; por fim, foram feitos dois cartogramas com isoglossas, linhas imaginárias que delimitam áreas dialetais, tais linhas são utilizadas por estudiosos da Dialetologia e/ou Sociolinguística, a fim de demonstrar como um certo fenômeno está distribuído nas regiões, isto é, no espaço, com a distribuição dos itens mais produtivos.

## Fundamentação Teórica

O recorte essencial da delimitação temática da proposta deste trabalho é o estudo comparado dos itens lexicais encontrados na carta 92, *menstruação*, do *ALS*, na perspectiva diatópica, sob a ótica Geolinguística Pluridimensional e da Sociolinguística Laboviana.

Assim, ao pesquisar o nível lexical da língua, o estudioso situa a norma lexical de um grupo linguístico que põe em evidência a utilização de determinadas variantes representativas de uma dada comunidade, caracterizando, desse modo, o falar de cada região. Conforme Razky *et al.* (2011):

[...] a dialetologia e a geografia linguística estiveram sempre interessadas em registrar o patrimônio lexical de um passado recente e as mudanças lexicais ocorridas devido às transformações sócio-políticas e geopolíticas de várias regiões no mundo (RAZKY *et al.*, 2011, p.151).

Portanto, é possível observar que a fixação de uma norma lexical regional demonstra a dinamicidade do léxico, nível da língua muito afetado pelas diferentes circunstâncias sociais e históricas, num determinado contexto, o que leva à fixação do uso de certos itens lexicais em espaços geográficos distintos, ao desuso de outras e, conseqüentemente, ao surgimento de novas formas necessárias para nomear novos referentes. Nesse contexto, situam-se as variações linguísticas, ocasionadas por distintos fatores sociais, culturais e históricos que interferem no uso da língua.

Ao discutir o fenômeno da variação linguística, Tarallo (1986) aborda que “em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação, e a essas formas em variação dá-se o nome de variantes”. Para o referido autor, as “variantes linguísticas” são “as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade” (TARALLO, 1986, p. 8).

Dessa forma, é possível observar que a Geolinguística Pluridimensional vê na utilização do léxico um instrumento que lhe permite estabelecer estratificações diatópicas de acordo com os fatores sociais enfocados. Logo, o Brasil é tido como um país, com diferenças regionais e socioculturais enormes e notórias e, por isso mesmo, a língua portuguesa, aqui no Brasil, apresenta uma diversidade considerável, tanto no âmbito regional quanto social, em especial no nível lexical.

O estudos no campo lexical têm motivado inúmeros pesquisadores na História da Língua Portuguesa, mais especificamente no Brasil. Observa-se, ao fazer uma análise sobre a história da Dialetoologia no Brasil, que as obras iniciais tinham um caráter eminentemente lexical. Vale ressaltar o estudo feito pelo Visconde de Pedra Branca, Domingos de Barros, no qual ele compara do ponto de vista lexical, o português do Brasil com o português de Portugal, apresentando, assim, diferenças significativas de vocábulos da língua na antiga colônia (CARDOSO, 2010, p.38).

O estudo do léxico nos atlas brasileiros pode ser analisado, dentre outros aspectos, através das cartas lexicais, presentes nos atlas regionais, nas quais se pode verificar claramente a variação espacial ou social de um determinado item lexical. Como afirmam Razky *et al.* (2011, p.155):

Os atlas concluídos e publicados, bem como os que ainda estão em fase de elaboração no espaço acadêmico das universidades brasileiras, são projetos de grande amplitude que germinam outras possibilidades de pesquisa sobre o léxico (RAZKY *et al.*, 2011, p.155).

Não obstante, como não poderia deixar de ser, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) também corrobora esse interesse pelo léxico, seguindo a trilha dos primeiros atlas regionais, com um dos seus questionários, o Questionário Semântico-Lexical (QSL), que apresenta 202 perguntas, a fim de apurar os itens lexicais que são objeto de pesquisa numa rede de pontos de 250 localidades em todo o Brasil.

Assim, ao pesquisar o nível lexical da língua, o estudioso situa a norma lexical de um grupo linguístico que põe em evidência a utilização de determinadas variantes representativas de uma dada comunidade, caracterizando, desse modo, o falar de cada região. Portanto, conforme Scartton e Marquardt (1981):

As múltiplas variações observadas no sistema lingüístico ocasionadas por fatores vários dão uma idéia multicolorida da língua, realçando seu caráter maleável, diversificado. Tal imagem corresponde a uma realidade evidente e desconhecê-la ou não levá-la em consideração o suficiente, significa ter uma concepção mutilada da língua (SCARTTON; MARQUARDT, 1981, p.6).

A importância do estudo da relação entre o léxico e os aspectos

sociais de uma língua é defendida pela Sociolinguística Variacionista, pois a mesma afirma que:

[...] o conhecimento intersubjetivo na lingüística tem de ser encontrada na fala – a língua tal como é usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos [...] (LABOV, 2008, p. 12).

Assim, tomando por base o uso da língua como meio de comunicação e interação, considerando-se a realidade de seus falantes, não haveria uma linguística que não se vinculasse, necessariamente, ao social.

### **O Atlas Lingüístico de Sergipe - ALS**

Seguindo os passos do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI, 1953), o *Atlas Lingüístico de Sergipe, ALS*, foi o segundo atlas a ser iniciado em solo brasileiro, em 1963, pois pretendiam dar continuidade ao já bem-sucedido atlas feito na Bahia. A escolha se deu pela proximidade do estado da Sergipe, além da facilidade de acesso, bem como o intuito de mapear a área nomeada como *falar baiano*, por Antenor Nascentes (1953), em *O Linguajar Carioca*.

O *ALS* foi executado por um grupo de pesquisadores da Bahia, celeiro de grandes marcos da Dialetologia brasileira, e tem como autores: Carlota da Silveira Ferreira, Jacyra Andrade Mota, Judith Mendes de Aguiar Freitas, Nadja Maria Cruz de Andrade, Suzana Alice Marcelino Cardoso, Vera Lúcia Sampaio Rollemberg e Nelson Rossi. Esses autores veem no *ALS* uma continuação do *APFB*. Logo, a indicação dos pontos é a partir do último ponto do *APFB*, ou seja, do ponto 51 ao 65, totalizando 15 localidades, conforme quadro 1:

<b>Nº / LOCALIDADES</b>	<b>ZONA FISIAGRÁFICA</b>	<b>MICRORREGIÃO</b>
51. Santa Luzia	Zona Litoral	Litoral Sul Sergipano
52. Tomar do Geru	Zona do Oeste	Sertão do Rio Real
53. Estância	Zona Litoral	Litoral Sul Sergipano

54. Pedrinhas	Zona Litoral	Agreste de Lagarto
55. São Cristovão	Zona Litoral	Litoral Sul Sergipano
56. Itaporanga D'Ajuda	Zona Litoral	Litoral Sul Sergipano
57. Laranjeiras	Zona Central	Cotinguiba
58. Simão Dias	Zona do Oeste	Agreste de Lagarto
59. Divina Pastora	Zona Central	Cotinguiba
60. Ribeirópolis	Zona do Oeste	Nossa Senhora das Dores
61. Brejo Grande	Zona Litoral	Propriá
62. Propriá	Zona do Baixo São Francisco	Propriá
63. Nossa Senhora da Glória	Zona do Oeste	Sertão Sergipano do São Francisco
64. Gararu	Zona do Sertão do São Francisco	Sertão Sergipano do São Francisco
65. Curralinho	Zona do Sertão do São Francisco	Sertão Sergipano do São Francisco

Fonte: Ferreira *et al.* (1987)  
Quadro 1: Localidades do ALS

O ALS se destaca, dentre outros aspectos, pois é o primeiro a adotar uma metodologia sistemática de controle de dois informantes por ponto pesquisado, sendo um do sexo masculino e um do sexo feminino, distribuídos entre 32 e 52 anos, com nível de instrução analfabetos ou semianalfabetos. Praticamente, feito pela mesma equipe do APFB, como supracitado, o ALS traz inovações, o que se pode nomear como alguns avanços teórico-metodológico da Dialetologia no Brasil, conforme Cardoso (2010, p. 154)

a) Aplicação de inquéritos preliminares, gravados em todas as 15 localidades que constituíram a rede de pontos. Esses inquéritos foram realizados com a participação de estudantes que concluíram os seus cursos de graduação em 1963 e 1964, com acompanhamento dos professores. b) Maior amplitude do questionário definitivo em relação ao aplicado na Bahia:

com cerca de 700 perguntas, nele incluídas as que compõem o extrato de questionário da Bahia, acrescidas de outras que os inquiridos preliminares em Sergipe sugeriram. c) Formulação por escrito, no próprio questionário, da maneira de perguntar-se sobre o item, com o objetivo de garantir maior homogeneidade nos inquiridos, eliminando-se, assim, possíveis dificuldades no momento da exegese. d) Inclusão, em cada ponto, de informantes de dois gêneros, procedendo-se à identificação sistemática do informante feminino como "A" e do informante masculino como "B", o que permitiu o controle cartográfico dessa variável sociolinguística (CARDOSO, 2010, p. 154).

O *ALS* contém 156 cartas fonéticas, além de 16 cartas-resumo, com mais 11 cartas BA/SE, com a representação em ambos os estados, Bahia e Sergipe. Outro fator inovador deste atlas é que no verso de cada carta há notas explicativas com partes do contexto frasal em que os registros lexicais e/ou fonéticos foram coletados tal qual a fala do informante inquirido. Publicado em 1987, 14 anos após aguardar financiamento, assim e, enfim, o *ALS* tornou-se mais um passo dos dialetólogos brasileiros, perseguindo um tão sonhado atlas nacional.

### **Análise dos Dados**

Os dados, para este estudo, foram analisados, a partir da carta 92, *menstruação*, do *Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS)*. Para a realização deste trabalho, foi feito o levantamento dos itens lexicais que nomeiam a causa fisiológica do período de sangramento mensal das mulheres.

Assim, conforme quadro seguinte, pode-se visualizar um panorama das variantes encontradas e a distribuição espacial.

<b>DENOMINAÇÕES</b>	<b>LOCALIDADES</b>
<i>Boi</i>	Santa Luzia do Itanha; Tomar do Geru; São Cristovão; Divina Pastora.
<i>Regra</i>	Santa Luzia do Itanha; Pedrinhas; São Cristovão; Simão Dias; Divina Pastora.
<i>Lua</i>	Estância; Laranjeiras.
<i>(os/meus) tempo (s)</i>	Pedrinhas; Ribeirópolis; Brejo Grande; Nossa Senhora da Glória.

<i>Menstru / Menstruação</i>	Santa Luzia do Itanhi; Tomar do Geru; Estância; São Cristovão; Itaporanga D'Ajuda; Laranjeiras; Brejo Grande; Propriá.
<i>Paquete</i>	Pedrinhas.
<i>Quinogia</i>	Tomar do Geru.

Quadro 2: Denominações para *menstruação* no ALS e a distribuição espacial.

Conforme visto no quadro 02, as variantes mais produtivas são as de base *menst-* (*menstru* e *menstruação*), em oito das 15 localidades. Tal resultado assemelha-se ao mesmo encontrado por Santos (2013), ao estudar algumas localidades do interior da Bahia, confrontando o APFB (1953) e do Projeto Atlas Linguístico do Brasil - Projeto AliB (2013)

a) Mesmo após 40 anos, ainda existe uma forma que possui vitalidade, nos dois atlas, a variante *boi*; b) Atualmente, a variante mais documentada é *menstruação*, o que revela sobre o poder da urbanização e do desenvolvimento, em todos os aspectos, levando, conseqüentemente, às mudanças sociais e linguísticas [...] (SANTOS, 2013, p.52).

Em seguida, vem as variantes *regra*, presente em 05 localidades, a variante *boi* e as variantes (*os/meus*) *tempo (s)*, também em quatro localidades. As variantes menos produtivas foram *lua*, apenas em duas localidades, seguida de *paquete* e *quinogia* que apareceram apenas em um dos pontos da rede. Buscou-se, então, a partir desta divisão espacial, traçar isoglossas, a fim de identificar áreas dialetais no estado de Sergipe, conforme figura 1 e figura 2, respectivamente.

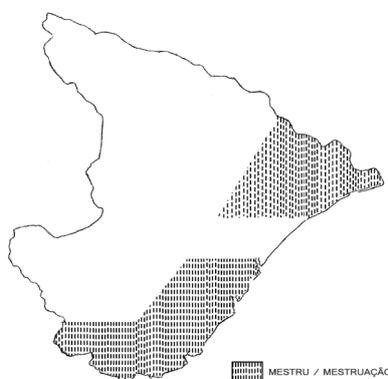


Figura 1 – Ocorrências de base *menst-* em Sergipe.

Nota-se a predominância das variantes de base *menstr-* em Sergipe, como visto no quadro 02, sobretudo no litoral, conforme a figura 1. Em relação às outras variantes, elas podem ser visualizadas, conforme figura 2:

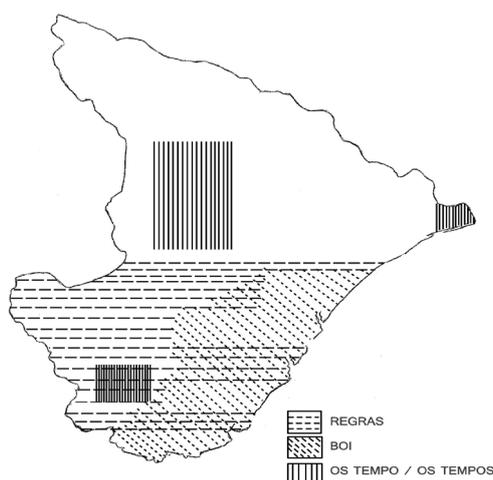


Figura 2- Outras variantes em Sergipe.

Percebe-se que há co-ocorrências entre as variantes na parte sul do estado, em algumas áreas, *boi* co-ocorre com *regras*, e há áreas que *regras* co-ocorre com *o(s) tempo(s)*. Destaca-se o litoral, pois as variantes de base *menst-* juntamente com a variante *boi*, são predominantes da costa litorânea sergipana.

### O que dizem dos dicionários?

A fim de observar a dicionarização de algumas das variantes coletadas, recorreu-se a três dicionários mais modernos, a saber: Aulete (2006), Houaiss (2009) e Ferreira (1999). Para melhor verificação e exposição dos dados da consulta feita aos dicionários, o quadro 03 será elucidativo. Assim, para um melhor entendimento, para cada item lexical, conforme o caso, indicam-se as siglas: DOS: Dicionarizado com outro significado; D: Dicionarizado; e ND: Não dicionarizado.

<b>Variantes</b>	<b>Dicionários</b>		
	<b>Aulete (2006)</b>	<b>Houaiss (2009)</b>	<b>Ferreira (1999)</b>
<b>Boi</b>	D	D	D
<b>Lua</b>	D	D	DOS
<b>Menstruação</b>	D	D	D
<b>Regra</b>	DOS	D	DOS
<b>Tempos</b>	ND	ND	ND
<b>Quinogia</b>	ND	ND	ND
<b>Paquete</b>	D	DOS	D

Quadro 3 – Dicionarização das variantes que nomeiam a causa fisiológica do período de sangramento mensal das mulheres

A partir do exposto, hoje, é necessário repensar a questão da dicionarização dos verbetes, pois nem tudo que é falado constará nos dicionários de língua. Assim, ainda, percebe-se o pouco diálogo existente entre os dicionaristas e os dados geolinguísticos, pois muitos itens lexicais ainda têm sua entrada ignorada nos dicionários de língua, embora seja uma variante bastante produtiva. Conforme Biderman (2004):

O dicionário é o depositário do acervo lexical da cultura. E como diz Alan Rey no prefácio do *Petit Robert*: o dicionário é a memória lexical de uma sociedade; constitui o acervo e o registro das significações que nossa memória não é capaz de memorizar. Convém lembrar ainda que o dicionário descreve o léxico em função de um modelo ideal de língua – a língua culta e escrita; pode, porém, registrar usos dialetais, populares, gíriáticos esporadicamente. Por conseguinte, o dicionário convalida e promove a linguagem aceita e valorizada em sua comunidade (BIDERMAN, 2004, p.185).

No entanto, atualmente, já existem pesquisadores da área do léxico interessados em aproveitar os dados coletados pelas pesquisas de cunho dialetal para suprir e preencher as lacunas deixadas pelos dicionários convencionais, e, assim, também, construindo obras especificamente dialetológicas, ou seja, obras com os verbetes coletados *in loco* baseados em dados da língua na modalidade oral. Conforme Aguilera, tem-se como exemplos, dois projetos internacionais grandes, a saber:

i) **O Dicionário Dialeto Brasileiro (DDB)**, associado ao *Atlas Linguístico do Brasil* e coordenado pelo Dr. Américo Venâncio Lopes Machado Filho, em desenvolvimento na UFBA em cooperação com a Universidade Paris XIII. ii) **Tesouro do léxico patrimonial galego e português**, sediado no Instituto de Língua Galega, da Universidade de Santiago de Compostela (Espanha), tem como coordenadora geral a Dr<sup>a</sup> Rosário Álvarez, dessa universidade e conta com três comitês: o galego, coordenado por Álvarez; o português, pelo Dr. João das Pedras Saramago, da Universidade de Lisboa e o brasileiro, pelas Dr<sup>as</sup> Sílvia Figueredo Brandão, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Vanderci de Andrade Aguilera, da Universidade Estadual de Londrina (AGUILERA, 2011, p. 272-273, grifos nossos).

Assim, enquanto os dicionários citados por Aguilera (2011) ainda não foram lançados, a sociedade aguarda a recuperação dos dados dialetais e um melhor aproveitamento deles. Sabe-se que o léxico de uma língua, em hipótese alguma, pode ser reduzido e/ou diminuído a um simples dicionário. Destaca-se a importância do dicionário, mas ele não é o único instrumento para guardar os itens lexicais de uma língua.

É válido ressaltar que, há nas denominações motivações diversas, haja vista um enorme tabu linguístico quando se trata em aspectos ligados a vida íntima. Como já visto, os itens mais produtivos são os chamados de forma da *langue*, *menstruação* e variantes fonéticas. Percebe-se que, para fugir de certos itens, os informantes optam pela metáfora, como *boi*, *lua*, *regra* e *tempos*. Portanto, com a metáfora, os informantes utilizam-se da comparação com outros itens que, conforme eles, possuem uma certa ligação.

### **Algumas considerações**

Este estudo teve como prioridade o levantamento dos dados da carta 92, *menstruação*, do *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Consoante Vilela (2002, p.373), "A língua é a memória de muitos dos caminhos (ou descaminhos) da vida cultural de uma coletividade. A história de um povo está gravada na memória da língua".

A partir do exposto, se faz necessário algumas considerações:

- i. As variantes de base *menst-* são as mais produtivas, o que revelam a escolha dos informantes pela forma da *langue*;
- ii. Há uma produtividade dos itens lexicais em torno do item

*menstruação*, sobre as diversas motivações;

iii. As isoglossas permitem uma melhor visualização, bem como identificação de áreas dialetais, embora seja apenas de um fenômeno;

iv. Há, ainda, um grande abismo entre os dados coletados para os atlas e os dicionários de língua.

Portanto, ao fim deste trabalho, crê-se no fato que os atlas são de enorme importância para manutenção e preservação de itens linguísticos, contribuindo, dessa forma, para a documentação da língua portuguesa e para salvaguardar a memória sócio-histórica de um povo.

## REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. de A. A importância dos dados geolinguísticos para a construção de dicionários de língua portuguesa. In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; MEJRI, S. (Orgs.). **Os dicionários**: fontes, métodos e novas tecnologias. Salvador: Vento Leste, 2011. p. 271- 288.

AULETE, F. J.; VALENTE, A. L. dos S. **Aulete Digital**: Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2006. Disponível em: <<http://www.auletedigital.com.br/>>. Acesso em: 20 set. 2013.

BIDERMAN, M. T. C. Análise dos dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. (Orgs.). **As Ciências do Léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. V.II. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004. p. 185-200.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB: **Atlas Lingüístico do Brasil**: Questionários. Londrina: UEL, 2001.

CARDOSO, S. A. M. da S. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3 ed. Totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, C.; FREITAS, J.; MOTA, J.; ANDRADE, N.; CARDOSO, S.; ROLLEMBERG, V.; ROSSI, N. **Atlas Lingüístico de Sergipe**. Salvador: UFBA/ Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

HOUAISS, A.; SALLES, V. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, M. Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. Rio de Janeiro: Parábola, 2008.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. 2. ed. Completamente refundida. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

RAZKY, A.; COSTA, E. O. da; OLIVEIRA, M. B. de. Variação lexical de "cigarro de palha" no atlas linguístico do Brasil. In: RAMOS, C. de M. de A.; BEZERRA, J. de R. M.; ROCHA, M. de F. S. (Orgs.). **Pelos caminhos da Dialectologia e da Sociolinguística**: entrelaçando saberes e vidas. São Luís: EDUFMA, 2010. p. 149-165.

ROSSI, N. **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SANTOS, L. A. dos. **A menstruação na Bahia**: um estudo em dois tempos distintos. 2013. 52f. Monografia (Graduação em Letras Vernáculas). Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia. 2013.

SCARTON, G.; MARQUARDT, L. L. O princípio da variação linguística e suas implicações numa política para o idioma. **Boletim do Gabinete Português de Leitura**. Porto Alegre: n.24, p. 21-31, jun/1981.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

VIVELA, M. **Metáforas do nosso tempo**. Coimbra. Almedina, 2002.

Recebido em: 08 de jun. de 2015.

Aceito em: 05 de nov. de 2015.